

**HISTÓRIA ORAL, GÊNERO E IMIGRAÇÃO: MULHERES TAIWANESAS
EM MANAUS 1970-2018**

RAPHAELA MARTINS PEREIRA

raphaelamartinspereira@hotmail.com

O presente texto tem como objetivo apresentar as experiências e memórias de mulheres taiwanesas que migraram para Manaus a partir da década de 1970, apresentando um diálogo com as questões de migração e gênero partindo das entrevistas com três mulheres taiwanesas que versaram sobre suas histórias de vida desde sua origem em Taiwan até a Manaus.

Para entendermos a migração de mulheres taiwanesas para a cidade de Manaus, é necessário entender alguns aspectos que envolvem a ilha de Taiwan no passado e atualmente. Taiwan é uma ilha ao sudeste da China, o país chinês a considera como uma das suas províncias, porém Taiwan não se julga parte integrante dessa China em ascensão.

Taiwan antes da Segunda Guerra Mundial fazia parte do território do Japão, após a derrota do mesmo, a China anexou a ilha aos seus domínios ao final da guerra. Contudo com a guerra civil em 1949 entre os comunistas liderados por Mao Zedong do Partido Comunista Chinês e os nacionalistas seguindo Chiang Kai-shek do Partido Kuomintang, Taiwan novamente passa por mudanças políticas e sociais profundas. O líder nacionalista com a derrota sofrida no continente pelos comunistas, juntamente com suas tropas e seguidores instala-se em Taiwan declarando a ilha como a única República da China.

O Partido Kuomintang não desejava uma independência da ilha do continente, porque seus planos futuros eram de reconquistar a China continental das mãos dos comunistas. Porém, o regime político adotado em Taiwan pelo líder e presidente Chiang Kai Shek era de repreensão aqueles que visavam a independência da China. Como elucidado o diplomata Paulo Pereira Pinto.

Os Chiangs, pai e filho, reprimiam mais os formosinos partidários da independência, do que os simpatizantes do Partido Comunista Chinês (PCC). Com frequência, os ex-líderes do Kuomintang (KMT) resistiam com vigor ao que percebiam como esforços de Washington, no sentido da separação dos dois lados do estreito. Acadêmicos chineses teriam considerado, inclusive, heróico o comportamento da referida dinastia, por manter unificado o território nacional. (2004, p. 63)

A repreensão política aos próprios taiwaneses estimulou um grande processo de imigração que fizeram com muitos grupos migrassem para outros países, mas aqui nos interessa os sentidos e as memórias que as mulheres taiwanesas atribuíram antes e depois de migrar para outro país.

Para isso nos utilizaremos fundamentalmente dos diálogos estabelecidos com as entrevistas que realizamos com mulheres taiwanesas migrantes e que versaram sobre suas histórias de vida, seu trabalho e o processo de migração. Entendemos que os discursos colocados nas entrevistas são subjetivos e essa qualidade da oralidade nos possibilita a olhar novos horizontes a partir da memória, podendo assim acessar sujeitos que não estão inseridos nos documentos oficiais.

Compreende-se que o modo de migrar de homens e mulheres são diferentes e desde nossas primeiras observações pudemos perceber a presença significativa de mulheres que chegaram e ainda chegam, seja acompanhando irmãos, pais, tios ou maridos ou mesmo sozinhas.

D. Alice¹ chegou ao Brasil em 1970 com seus pais, uma irmã e um irmão, sendo a mais caçula. Primeiramente residiu em Santos no estado de São Paulo juntamente com alguns japoneses que haviam chegado no mesmo período. Como é sabido Taiwan estava em um regime político de repreensão, D. Alice veio para o Brasil porque seu pai fora preso em Taiwan sob suspeita de organizar a independência de Taiwan da China.

Meu pai tinha um amigo e esse amigo era do subversivo queria independência, mas meu pai não sabia... Meu tio que morava no Japão

¹ D. Alice tem 72 anos, é comerciante no Centro de Manaus. Entrevista realizada 13 de outubro de 2018.

mandou um dinheirinho para meu pai e meu pai estava na alfândega com esse amigo...Então depois de um tempo veio três na drogaria e perguntaram o sobrenome do papai José Lin e ele disse “sou eu” e disseram vem com a gente que você vai dar um esclarecimento. Disseram que ele ia voltar logo mas esse voltar logo demorou 8 meses e trocando de prisões.

No momento em que seu pai foi preso, D. Alice tinha 7 anos de idade. Claramente o que ela relata é uma memória compartilhada por seu pai com ela. A oralidade nos possibilita acessar experiências individuais e compartilhadas. Como a historiadora Yara Khoury elucida

Na história oral, as versões pessoais sobre experiências vividas e compartilhadas são representativas de horizontes que se colocam para muitos outros. Nesse sentido, oferecem um campo de possibilidades, reais ou imaginadas que se elaboram na consciência de cada um. (KHOURY, 1996, p. 136)

Para D. Alice e sua família esse episódio foi fundamental para decidir migrar para outro país. O sociólogo Carlos Freire da Silva explica que a entrada de taiwaneses no país podia ser influenciada pelo fator comum entre eles que é o cristianismo “Alguns dos primeiros taiwaneses que chegaram nesse ciclo vieram com o auxílio de entidades religiosas cristãs, entre eles um grupo que fundaria em São Paulo a Primeira Igreja Presbiteriana de Formosa no Brasil.” (SILVA, 2018, p.232). Sua família não veio com incentivos das entidades cristãs, mas D. Alice relata que a Igreja foi um importante espaço de solidariedade, e que ajudou sua família a se estabelecer no país.

Dona Toka² uma das nossas primeiras entrevistadas nos conta como foi sua chegada ao Brasil e logo após a Manaus.

Queria ir para os Estados Unidos, mas vim para o Brasil, certo. Daí eu vim, fiquei sete meses em São Paulo. Passei um ano e meio em Mongi das Cruzes (Mogi das Cruzes). Então depois de lá vim para cá isso em 1970, 1974. Daí

² Dona Toka era comerciante do Centro de Manaus, infelizmente faleceu em 2018. Entrevista realizada em 15 de janeiro de 2015.

para cá nós veio para Manaus. Primeiro local que eu fiquei foi o bairro de São Francisco. Daí gostamos daqui. Enfrentamos no alto e no baixo, dificuldade, enfim até hoje.

É interessante notar que D. Toka em nenhum momento da entrevista mencionou os motivos que a fizeram migrar com sua família para o Brasil, rememora apenas a chegada e os lugares por onde passou dentro do país, e mesmo quando questionada se desvencilhava. Entendemos que a memória possui várias dimensões. Assim, não é apenas o que lembramos, mas o quê lembramos, porque lembramos e como lembramos. É preciso considerar também os silêncios, os esquecimentos, e fundamentalmente pensar em sua dimensão coletiva, ou seja, a memória é histórica e sofre oscilações em dados momentos. Como Michael Pollak enfatiza

A memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1989)

Podemos entender que os silêncios de D.Toka são estratégias de sobrevivência, e que ao esquecer um passado difícil, são formas de ela pensar em si enquanto um sujeito no presente, só lembrando o agora e as atividades que ela faz em Manaus.

Contudo D. Shu³, ao contrário das duas outras taiwanesas, chegou em 1964 aos 36 anos de idade, acompanhada do marido e seus três filhos residindo inicialmente na colônia japonesa em São Paulo.

Aquele tempo morar em Taiwan era muito, muito politicamente conturbado...E como o meu sogro é pastor e tinha amigo que morava no Brasil e falou sobre temperatura do Brasil que era muito bom. Passamos 52 dias no navio para chegar em Santos...Fomos morar em Pindorama na colônia japonesa.

³ D. Shu tem 93 anos, era comerciante no Centro de Manaus, hoje está aposentada. Entrevista realizada em 4 de maio de 2019.

Importante ressaltar que até a década de 1970 o Brasil tinha relações diplomáticas com Taiwan, reconhecendo a como República da China, o que facilitava muitos taiwaneses a entrarem no Brasil de forma regular. Porém a partir de 1974 o Brasil orientado pela ONU reconheceu a República Popular da China, cortando assim relações com Taiwan, o que dificultou a partir desse momento a entrada de migrantes taiwaneses, o que acabavam optando por migrar para o Paraguai e atravessar a fronteira para o Brasil. E como será o perfil das mulheres taiwanesas que migrou/migram para Manaus? Quais os motivos, quais os sentidos que elas atribuem às suas experiências? Que relações essas mulheres estabelecem no seu cotidiano em Manaus?

Percebe-se que o fluxo migratório é maior na cidade de São Paulo, mas Manaus vem ganhando um olhar diferenciado nesse âmbito. Com a Zona Franca de Manaus criada em 1967, e a partir da década de 1970 os taiwaneses começaram a olhar Manaus como uma oportunidade de investimento no setor de comércio, pois, com os incentivos fiscais que a ZFM trouxe, o comércio local ganhou potência fazendo com que várias lojas de eletrônicos e artigos diversos fossem abertas no centro da cidade.

Os incentivos fiscais, a grandiosa infraestrutura do recém inaugurado Distrito Industrial proporcionados pela efetivação da Zona Franca de Manaus atraiu inúmeras indústrias multinacionais que procuravam naquela época, espaços onde tinham disponíveis matérias primas e força de trabalho baratos. Manaus se apresentou naquela época como espaço perfeito. (SILVA, 2016, p.170)

Como D. Toka explicita muito bem quando veio morar em Manaus em meados de 1974 sobre as atividades comerciais que sua família tinha no Centro de Manaus “Assim meu irmão já tinha loja aqui em Manaus, então fui trabalhar com ele seis mês. Na época era negócio de eletrônicos, máquina fotográfica, tudo”.

Dona Alice chegou a Manaus em 1972 e explica que a mudança para a cidade foi decidida pela facilidade com que a ZFM trouxe para empresários que importavam para vender no comércio em relação aos impostos.

Papai gostava de viajar para o Japão para as feiras para pesquisar as tendências do mercado e ele voltou pra cá e soube da Zona Franca que estava

começando, e começamos a vir 1971, até que em 1972 ele decidiu ficar aqui. Ele veio comigo, achou que a Zona Franca era zona livre que nem no Panamá que só tem imposto barato.

Os estudos de migração feminina são importantes para podermos compreender como as mulheres estavam/estão participando de forma ativa no ato de migrar, seja em migrações externas ou internas. E como elas vão articulando as redes de solidariedade nos lugares de destino.

A historiadora Michelle Perrot expõe que para as mulheres a migração precisará de um motivo, de uma explicação. “As mulheres, enfim, fizeram viagens, em todas as épocas e pelas mais diversas razões. De uma maneira menos gratuita, menos aventureira que os homens porque sempre precisaram de justificativas, de objetivos ou de apoio.” (PERROT, 2007 p. 138)

Como tem nos alertado Perrot, a mulher historicamente fora silenciada, suas vivências esquecidas, o seu ser ignorado. E nesse sentido que ao fazer uma história das mulheres buscamos mostrar como elas estiveram e estão construindo suas histórias no dia a dia e estabelecendo relações se inserindo e intervindo no mundo. E uma forma de escrever a história é buscando menos narrar fatos e acontecimentos minuciosamente, e se inteirando mais com as múltiplas experiências vivenciadas cotidianamente por pessoas comuns.

Neste sentido, acreditamos que uma história que ilumine a especificidade dos sentidos e dos significados das migrações femininas, no caso, mulheres taiwanesas em Manaus, nos clareia sobre a diversidade de relações que constitui uma sociedade. Portanto estudar a história das mulheres taiwanesas em Manaus nos traz à tona histórias marcadas por experiências diversas de uma cultura do outro lado do mundo. É mostrar a história do ponto de vista dessas mulheres migrantes e de suas subjetividades, colocando em evidência suas lutas diárias.

A história oral nos estudos de migrações nos ajuda acessar sujeitos que não foram inseridos nos documentos oficiais, e, no caso das mulheres taiwanesas, nos possibilita entender a importância dessas mulheres no processo de migração e como elas se redefinem em relação aos discursos e identidades de gênero.

Um elemento bastante significativo de constituição de identidade pode ser observado pela forma de se apresentar da D. Toka e D. Shu, pois, estes nomes são sobrenomes de casadas dessas mulheres, então elas utilizam sempre como se fossem seu primeiro nome, e ao questionadas como seria seu primeiro nome, elas não dizem, ou dizem que é muito difícil de pronunciar. Já D. Alice que também casada com um taiwanês não usa o sobrenome de casada como se fosse o primeiro nome, para ela é só Alice ao ser apresentada aos lugares, e não Alice Fang ou D.Fang.

D. Shu veio para o Brasil já casada, D. Toka, embora não tenha falado sobre a data de partida para o Brasil, aponta para a chegada ao país ainda adolescente e D. Alice chegou aos seus 7 a 8 anos de idade. Essa informação pode clarear sobre um possível afrouxamento por parte da D. Alice nas relações de gênero dessas mulheres.

D. Shu e D.Toka preservam o costume de ao serem identificadas pelo sobrenome do marido enquanto D. Alice, como ela mesma nos falou “tendo vindo muito nova, tem “mais costumes brasileiros. Percebemos que D. Alice a partir deste ato coloca para si uma autonomia maior ao desvincular do marido.

Não que as outras taiwanesas não tivessem autonomia sobre si, mas é necessário notar esta ressignificação por parte da D. Alice ao modo de se apresentar ao mundo.

As mulheres taiwanesas aqui citadas eram/são muito ativas seja na sua família ou no comércio do Centro da cidade, e ainda estabelecem uma rede de migração e solidariedade através da Igreja Presbiteriana que frequentam.

Como era o caso da D.Toka uma das primeiras entrevistadas que nos contou que: “*ama o estado do Amazonas e que com a comunidade da Igreja Presbiteriana de Manaus*” (constituída a maior parte por taiwaneses e chineses) ajudava a população manauara em questões de saúde, utilizando métodos chineses como acupuntura. O que faz dessas mulheres personagens importantíssimos para refletir acerca da história de Manaus através das migrações e das relações de gênero.

Percebe-se que a Igreja é um espaço importante para os taiwaneses, pelo fato de ser um local onde através do cristianismo em comum se reúnem, assim estabelecendo um lugar de praticas culturais. D. Toka deixa evidente isso em sua fala quando explica que na Igreja “Há pastor chinês que fala português, tem pastor português que fala chinês”. Apesar de Taiwan não se vincular a China continental em diversos aspectos, os taiwaneses que residem em Manaus falam mandarim.

D. Shu como umas das primeiras taiwanesas que chegaram em Manaus, juntamente com o pai de D. Alice fundaram a Igreja Presbiteriana.

Que a... somos cristãos. Então nós temos relacionamento com Deus íntimo. E lá no Pindorama, Mogi, tem igreja também. Eles freqüentam todo domingo, sábado, o que tiver e... igreja. Então quando veio aqui, havia necessidade de uma igreja porque então a gente reunia nas residências.

O autor Frederico Menezes que trabalha a imigração numa perspectiva psicológica explica que os migrantes na diáspora tendem a se organizar em locais que podem compartilhar costumes, a fim de afirmar sua própria identidade.

Os indivíduos na diáspora passam a dar muita importância a sinalizadores que externalizem sua identidade grupal. Reúnem ainda em entidades que funcionam como importantes defesas contra o não reconhecimento de uma identidade grupal, como os centros de culto às tradições regionais e os centros de cultura deste ou daquele país. (2007, p. 112)

D. Alice fala com orgulho que seu pai foi um dos fundadores da Igreja Presbiteriana em São Paulo “Quando chegamos aqui em Manaus, fomos logo para uma Igreja Presbiteriana, porque lá em São Paulo papai foi um dos fundadores da primeira Igreja Presbiteriana de Formosa em São Paulo.”

A importância que as mulheres taiwanesas dão a Igreja que frequentam é interessante, pois, pensamos que a igreja acaba se tornando, como dito antes, um espaço de solidariedade entre esses taiwaneses, e especialmente entre as mulheres.

As três mulheres taiwanesas aqui mencionadas se conhecem, pois frequentam a mesma igreja, visitam uma a outra em suas casas no Centro de Manaus, e toda vez que vão à casa de algum taiwanês é costume delas levarem algo para partilhar.

Colocam-se mulheres taiwanesas porque as mesmas se vêem como mulheres de Taiwan e não da China Continental, tanto que ao entrevista-las a confiança foi estabelecida pelo fato de sabermos que elas eram mulheres taiwanesas e não chinesas.

Como a historiadora Lucilia Neves explica

O ato de relembrar insere-se nas possibilidades múltiplas de elaboração das representações e de reafirmação das identidades construídas na dinâmica da história. Portanto a memória passa a se constituir como fundamento da identidade, referindo-se aos comportamentos e mentalidades coletivas, especialmente aquele orientado por uma perspectiva histórica. (2000, p109)

É importante explicitar que essa pesquisa está em andamento, mas que é necessário apresentar como essas mulheres taiwanesas se movem desde o seu local de origem e como elas vão tecendo suas relações sociais e suas experiências no seu local de destino.

Deponentes

D. Toka. Data da entrevista: 15 de janeiro de 2015

D. Alice. Data da entrevista: 13 de outubro de 2018

D. Shu. Data da entrevista: 4 de maio de 2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Marcelo Silva. Chineses no Rio de Janeiro: notas sobre nação, território e identidade através da prática comercial e religiosa. **Cadernos do CEOM** – Ano 23, n.
- KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias outras histórias: cultura e o sujeito na história.. In: Dea Ribeiro Fenelon; Laura Antunes Maciel; Paulo Roberto de Almeida; Yara Aun Khoury. (Org.). **Muitas memórias outras histórias**. 1ed.São Paulo: Olha d'Água, 2004, v. , p. 116-138.
- MACHADO, Rosana Pinheiro. Uma ou duas Chinas? A questão de Taiwan sob o ponto de vista de uma comunidade ultramar. **Civitas**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 468-489, set.-dez. 2010
- MENEZES, Frederico. Migração uma perspectiva psicológica, uma leitura pós-moderna ou, simplesmente uma visão preconceituosa. In CUNHA, Maria Jandyra. **Migração e identidade: olhares sobre o tema**. São Paulo: Centauro, 2007.
- NEVES, Lucilia de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. In **História Oral**, v.3, p. 109-116, 2000.
- PINTO, Paulo Pereira. Taiwan – um futuro formoso para Ilha?. In **Rev. Bras. Polít. Int.** 47 (2): 59-99 [2004]
- POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civittella Val diChiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 1a edição 1996. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 103-130.
- SAMPAIO, Marcela. A imigração chinesa para a América Latina e Brasil: o perfil do imigrante chinês no Sudeste Brasileiro. **Anais do XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais**.
- SILVA, Patricia. Propondo o alisamento do espaço: disputas em torno da “Manaus moderna”. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 215 - 254. jan./abr. 2016.
- SILVA, Carlos Freire. Conexões Brasil-China: a migração chinesa no centro de São Paulo. **Cad. Metrop.** São Paulo, v. 20, n. 41, pp. 223-243, jan/abr 2018

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos de migratórios. In **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1, 199-218, junho/2008.